

**Bridget  
Jones**  
No limite da razão  
Helen  
Fielding

TRADUÇÃO  
Alda Porto

B I  
B I  
B I  
B I

Copyright © 1999 by Helen Fielding

*A tradução do poema "Se", de Rudyard Kipling, é de Alcântara Machado.*

A Editora Paralela é uma divisão da Editora Schwarcz S.A.

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

*Título original*

Bridget Jones: The Edge of Reason

*Capa*

Tamires Cordeiro

*Projeto gráfico*

Rita da Costa Aguiar

*Preparação*

Lígia Azevedo

*Revisão*

Renato Potenza Rodrigues e Larissa Lino Barbosa

---

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

---

Fielding, Helen  
Bridget Jones : no limite da razão / Helen Fielding ;  
tradução Alda Porto. — 1ª ed. — São Paulo : Paralela,  
2016.

Título original : Bridget Jones: The Edge of Reason

ISBN 978-85-8439-039-7

1. Jones, Bridget (Personagem fictício) — Ficção 2.  
Romance inglês I. Título.

16-05690

CDD-823

---

Índice para catálogo sistemático:

1. Romances : Literatura inglesa 823

[2016]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 – São Paulo – SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

www.editoraparalela.com.br

atendimentoaoleitor@editoraparalela.com.br

# Sumário

- PARTE 1: Felizes para sempre, 9
- PARTE 2: Água-viva à vista, 31
- PARTE 3: Droga!, 65
- PARTE 4: Persuasão, 105
- PARTE 5: Mr. Darcy, Mr. Darcy, 131
- PARTE 6: Como os romanos, 153
- PARTE 7: Solteiros alterados, 169
- PARTE 8: Um bebê, 189
- PARTE 9: Um inferno social, 219
- PARTE 10: Marte e Vênus na lata de lixo, 245
- PARTE 11: Tailândia para viagem, 271
- PARTE 12: Tempos estranhos, 311
- PARTE 13: Aaargh!, 339
- PARTE 14: Na saúde e na doença?, 365
- PARTE 15: Excesso de espírito natalino, 381

PARTE 1

# Felizes para sempre

## SEGUNDA-FEIRA, 27 DE JANEIRO

*58,5 kg (faixa constante de gordura), 1 namorado (viva!), 3 trepadas (viva!), 2100 calorias, sendo que 600 foram queimadas no sexo, portanto, 1500 calorias totais (exemplar).*

**7h15** Eba! Os anos de secura terminaram. Hoje faz um mês e cinco dias que estou num relacionamento com um homem adulto, o que prova que não sou um pária do amor, como eu temia. Me sinto maravilhosa, um pouco como Jemima Goldsmith ou outra recém-casada radiante inaugurando uma obra de caridade, enquanto todo mundo a imagina na cama com Imran Khan. Aaaai. Mark Darcy acabou de se mexer. Talvez acorde e converse comigo sobre minhas opiniões.

**7h30** Mark Darcy ainda não acordou. Já sei, vou me levantar e fazer um café da manhã fantástico para ele, com salsichas, ovos mexidos e cogumelos, talvez ovos beneditinos, ou florentinos.

**7h31** Dependendo do que exatamente forem ovos beneditinos ou florentinos.

**7h32** Não tem cogumelos nem salsichas.

**7h33** Nem ovos.

**7h34** Nem leite, pensando bem.

**7h35** Ele ainda não acordou. Huumm. Mark é incrível. Adoro ficar olhando para ele enquanto dorme. Tem ombros largos e peito peludo. Não é daqueles que objetificam as pessoas. Está interessado no conteúdo. Huumm.

**7h37** Ele ainda não acordou. É melhor não fazer barulho, mas talvez consiga acordá-lo sutilmente com vibrações mentais.

**7h40** Quem sabe pôr uma... AAAAAAH!

**7h50** Era Mark Darcy. Do nada, sentou na cama, berrando: “Bridget, quer parar com isso? Que saco! Por que fica me olhando enquanto estou dormindo? Arranja alguma coisa para fazer”.

**8h45. No Café Coins, tomando cappuccino, comendo croissant de chocolate e fumando um cigarro** Que alívio fumar ao ar livre e não precisar me comportar. É muito complicado ter um homem em casa: não se pode ficar o tempo necessário no banheiro ou transformá-lo em sauna sabendo que a outra pessoa está atrasada para o trabalho, desesperada para fazer xixi etc. Vi Mark dobrar a cueca ontem à noite, o que torna estranhamente constrangedor deixar todas as minhas roupas jogadas no chão. Ele vai vir hoje à noite, então preciso ir ao mercado antes ou depois do trabalho. Bom, não é que eu *precise*, mas a terrível verdade é que quero ir, numa estranha progressão genética que eu não poderia admitir para Sharon.

**8h50** Huuumm. Imagino que tipo de pai seria Mark Darcy. (Quer dizer, pai dos filhos dele. Não *meu* pai. Isso seria muito doentio, meio Édipo.)

**8h55** De qualquer modo, não devo ficar obcecada nem fantasiar demais.

**9h** Será que Una e Geoffrey Alconbury deixariam a gente pôr um toldo no gramado deles para a festa do casamento? Ai, meu Deus!

Era minha mãe, entrando no café muito ousada e decidida com uma saia pregueada da Country Casuals e um blazer verde com reluzentes botões dourados, como se um alienígena aparecesse na Câmara dos Comuns esguichando gosma. Ela se sentou calmamente à mesa em que eu estava.

“Oi, querida”, disse ela, cantarolando. “Eu ia à Debenhams, mas como sei que você sempre toma café aqui, pensei em dar um pulinho para saber quando vai pintar o cabelo. Huumm, acho que vou tomar um café. Será que eles esquentam o leite?”

“Mãe, eu já disse que não quero pintar o cabelo”, resmunguei, ficando escarlate ao notar que algumas pessoas nos olhavam. Uma garçonete emburrada chegou correndo como um raio.

“Ah, não seja tão antediluviana, querida. Sua aparência deve ser uma declaração de princípios! Você não pode ficar em cima do muro a vida inteira, com todas essas manchas e borões. Ah, olá, meu bem.”

Mamãe prosseguiu com sua voz lenta e gentil de “Vamos tentar nos tornar melhores amigas das serviçais para sermos as pessoas mais especiais do café sem nenhum motivo aparente”.

“Bem. Me deixe ver. Acho que vou querer um cafezinho. Tomei tantas xícaras de chá hoje de manhã em Grafton Underwood, com meu marido Colin, que não aguento mais. Você poderia fazer o favor de esquentar um pouco de leite? Não posso tomar café com leite frio. Me causa indigestão. E minha filha Bridget vai querer...”

Grrr. Por que será que os pais fazem isso? Por quê? Será a súplica por atenção e importância da pessoa madura desesperada ou será que as pessoas da minha geração estão ocupadas e são desconfiadas demais para ser francas e simpáticas? Quando cheguei a Londres, sorria para todo mundo — até um homem se masturbar no meu casaco na escada rolante do metrô.

“Expresso? De coador? Latte? Cappuccino? Semidesna-

tado? Descafeinado?”, perguntou com irritação a garçonete, tirando todos os pratos da mesa e me lançando um olhar acusador, como se minha mãe fosse culpa minha.

“Um cappuccino descafeinado e semidesnatado e um latte”, sussurrei, como se pedisse desculpas.

“Que moça indelicada, não sabe falar inglês?”, disse mamãe, zangada, quando a garçonete se afastou. “Esse bairro é curioso. As pessoas não sabem o que vestir quando saem da cama?”

Acompanhei seu olhar até as elegantes fashionistas de rastafári na mesa ao lado. Uma usava um laptop e calçava botinhas Timberland, um colete, um gorro africano e um casaco felpudo. A outra, com saltos finos Prada, meias esportivas, bermuda de surfe, um casacão de pele de lhama até o chão e um gorro de lã de pastores butaneses com orelheiras, berrava ao fone de ouvido: “Ele disse que, se me pegasse fumando um baseado de novo, ia me tirar o apartamento. E eu fiquei tipo ‘Foda-se, papai’”, enquanto a filha pequena pescava batatas fritas com um palito, o rostinho infeliz.

“Aquele moça está falando sozinha?”, perguntou mamãe. “É um mundo estranho esse em que você vive, não é, querida? Não seria melhor morar perto de pessoas normais?”

“Elas são pessoas normais”, eu disse, furiosa, apontando para elas com a cabeça para ilustrar o que havia dito. Infelizmente, naquele exato momento uma freira de hábito passou empurrando dois bebês num carrinho.

“É por isso que você vive toda enrolada.”

“Eu não vivo toda enrolada.”

“Vive, sim”, disse ela. “Mas deixe para lá. Como vão as coisas com Mark?”

“Deliciosas”, respondi, devaneando, o que fez com que ela me lançasse um olhar severo.

“Você não vai fazer aquilo com ele, vai? Ele não vai casar com você se fizer, sabe disso.”



Grrr. Grrrr. Assim que comecei a sair com o homem que ela tinha tentado me empurrar durante um ano e meio (“o filho de Malcolm e Elaine, querida, divorciado, muito solitário, podre de rico”), eu me senti como se estivesse numa espécie de corrida de obstáculos militar, escalando paredes e redes para ganhar uma taça de prata imensa com um laço.

“Você sabe o que eles dizem depois”, continuava ela. “Ah, aquela ali foi fácil. Quando Merle Robertshaw começou a sair com Percival, sua mãe disse: ‘Cuide para que ele use aquela coisa só para fazer xixi.’”

“Mãe”, protestei. Aquilo soava ridículo vindo dela. Menos de seis meses atrás minha mãe estava saindo com um agente de turismo português que usava uma bolsa a tiracolo.

“Ah, já contei pra você?”, ela me interrompeu, mudando totalmente de assunto. “Una e eu vamos para o Quênia.”

“O quê?”, berrei.

“Vamos para o Quênia! Imagine, querida! Para a tenebrosíssima África.”

Minha mente começou a girar e a girar em busca de explicações plausíveis, como uma centrífuga. Teria mamãe virado missionária? Teria ela assistido mais uma vez a *Entre dois amores*? Teria se lembrado de *A história de Elza* e decidido criar leões?

“Sim, querida. Queremos fazer um safári e conhecer a tribo masai. Vamos nos hospedar num hotel à beira-mar.”

A centrífuga chacoalhou e parou numa série de imagens tristes de velhas alemãs fazendo sexo na praia com nativos. Lancei um olhar acusatório a mamãe.

“Não está pensando em aprontar de novo, está?”, perguntei. “Papai ainda não se recuperou de toda aquela confusão com Júlio.”

“Francamente, querida! Não sei por que fizeram todo aquele estardalhaço! Júlio era apenas um bom amigo... um correspondente! Todos nós precisamos de amigos, querida. Quer di-

zer, mesmo no melhor dos casamentos, uma só pessoa não basta. São necessários amigos de todas as idades, raças, credos e tribos. Temos de expandir nossa consciência em todas as...”

“Quando vocês vão?”

“Ah, não sei, querida. É só uma ideia. Agora preciso ir embora correndo. Tchauzinho!”

Merda. Nove e quinze. Vou chegar atrasada à reunião de pauta.

**11h. Redação do Sit Up Britain** Fui direto para a reunião e só cheguei dois minutos atrasada, dando um jeito de esconder o casaco para proporcionar a agradável impressão de que eu já estava ali havia horas, mas tinha sido detida por assuntos burocráticos em outro lugar do prédio. Entrei muito segura de mim e atravessei a medonha sala entulhada de objetos que denunciavam os tempos difíceis que a TV atravessava — uma ovelha inflável com um buraco no traseiro aqui, uma ampliação de Claudia Schiffer usando a cabeça de Madeleine Albright ali, um grande cartaz de cartolina dizendo: LÉSBICAS! FORA! FORA! FORA! — rumo ao lugar onde Richard Finch, de costeletas e óculos escuros, o corpo volumoso espremido de forma horrenda numa roupa de safári da década de 70, berrava para os vinte e poucos pesquisadores.

“Vamos, Bridget Calcinha De Fora Atrasada de Novo”, gritou ele, vendo que eu me aproximava. “Não estou pagando você para enrolar, mas para chegar na hora e apresentar ideias.”

Fala sério. A falta de respeito dia após dia vai muito além da resiliência humana.

“Certo, Bridget!”, vociferou ele. “Estou pensando na nova classe trabalhadora feminina. Estou pensando em imagem e papéis. Quero Barbara Follett no estúdio. Ela pode dar uma recauchutada em Margaret Beckett. Realces. Pontos altos. Um vestido curto preto. Meias. Quero ver Margaret exalando sexo.”

Às vezes parece não haver limites para os absurdos que

Richard Finch me pede. Um dia vou me ver convencendo Harriet Harman e Tessa Jowell a ficarem paradas diante de um supermercado enquanto eu pergunto aos clientes se sabem dizer qual é uma e qual é outra, ou argumentando com um caçador até que tope ser perseguido nu pelo campo por um grupo de raposas ferozes. Preciso arranjar um trabalho mais digno, recompensador e gratificante. De enfermeira, talvez.

**11h03. Minha mesa** Certo, é melhor eu telefonar para a assessoria de imprensa do Partido Trabalhista. Huumm. Não paro de lembrar o sexo de ontem. Espero que Mark Darcy não tenha ficado bravo por hoje de manhã. Será que é cedo demais para eu ligar para ele no trabalho?

**11h05** Isso mesmo. Segundo *Como conseguir o amor que você deseja* — ou será que era *Conservando o amor que você encontra?* —, a fusão homem-mulher é uma coisa delicada. É ele quem deve tomar a iniciativa. Vou esperar ele telefonar. Talvez seja melhor ler os jornais para me embrenhar na essência da política do Novo Trabalhismo, para o caso de realmente conseguir Margaret Beckett no fim do... Aaargh!

**11h15** Richard Finch estava berrando outra vez. Me mandou cuidar da matéria da caça à raposa, em vez das Novas Trabalhistas. Vou falar ao vivo direto de Leicestershire. Não posso entrar em pânico. Sou uma mulher independente, confiante, positiva, inteligente. Minha identidade não vem das minhas realizações exteriores, mas do meu interior. Sou segura, positiva... Ai, meu Deus. Está chovendo horrores. Não quero sair com esse tempo, que mais parece o cruzamento entre uma geladeira e uma piscina.

**11h17** Na verdade, é muito bom ter uma entrevista para fazer. É uma responsabilidade das grandes — em termos relativos, cla-

ro, porque nem se compara a ter que decidir direcionar mísseis para o Iraque ou segurar com uma pinça a válvula da artéria principal durante uma cirurgia. Mas vou ter a chance de atormentar diante da câmara um Assassino de Raposas, enchendo o cara de perguntas, e realmente fazer a diferença, como fez Jeremy Paxman com o embaixador iraniano — ou iraquiano?

**¶h20** Talvez até me peçam para fazer a matéria do julgamento para o *Newsnight*.

**¶h21** Ou uma série de reportagens especiais curtas. Boa! Muito bem, melhor eu pegar os recortes... Opa. O telefone.

**¶h30** Eu ia ignorar, mas achei que pudesse ser o entrevistado: o Honorável Sir Hugo Assassino de Raposa Boynton, com orientações sobre silos, chiqueiros etc., então atendi. Era Magda.

“Bridget, oi! Só liguei para dizer... no penico! No penico! Corre pro penico!”

Ouvi um barulho alto de descarga seguido pelo som de água correndo e uma gritaria semelhante à dos muçulmanos sendo massacrados pelos sérvios se repetindo infinitamente ao fundo: “Mamãe vai dar uma surra!”

“Magda!”, berrei. “Volte aqui!”

“Desculpe”, disse ela. “Só liguei para dizer... Enfia o pipi no penico! Se deixar pra fora, vai fazer no chão!”

“Estou no trabalho”, eu disse, suplicando. “Tenho que ir para Leicestershire em dois minutos...”

“Ótimo, tudo bem, continue aí se gabando, você é muito sofisticada e importante, e eu estou presa aqui em casa com duas pessoinhas que ainda nem sabem falar. Só liguei para dizer que combinei com o empreiteiro para ir à sua casa amanhã e fazer suas prateleiras. Desculpe por incomodar com chatices domésticas. O nome dele é Gary Wilshaw. Tchau.”

O telefone tocou antes que eu tivesse tempo de ligar de volta para Magda. Era Jude, chorando.

“Está tudo bem, não fique assim”, eu disse, segurando o fone com o ombro e tentando jogar os recortes de jornais na bolsa.

“É o Richard, o Vil. Ele-ele-eee-ele-eee-ele...”

Ai, meu Deus. Depois do Natal, Sharon e eu dissemos a Jude que se ela viesse com mais uma conversa maluca sobre as profundezas do Problema de Medo de Compromisso de Richard, o Vil, ela deveria se internar num hospital psiquiátrico. Aí os dois não teriam mais como ficar terminando e voltando, fazer terapia de casal ou ter um futuro juntos, pelo menos no curto prazo, até ela ser liberada ao convívio em sociedade.

Num magnífico ato de amor-próprio, ela o abandonou, cortou o cabelo e começou a ir para seu incrível trabalho no centro financeiro de Londres usando jaquetas de couro e jeans da moda. Todos os caras que sempre a viam de terninho ficaram num estado de frenesi, e ela parecia estar se engraçando com um por noite. Mas, por algum motivo, a história com Richard, o Vil, ainda a deprime.

“Eu estava mexendo nas coisas que ele deixou, disposta a jogar tudo fora, quando encontrei um livro de autoajuda... um livro chamado... chamado...”

“Está tudo bem. Está tudo bem. Pode me contar.”

“Chamado *Como marcar encontros com moças jovens: Um guia para homens com mais de trinta e cinco anos.*”

Meu Deus.

“Eu estou me sentindo péssima, péssima...”, disse. “Não vou aguentar todo esse mundo dos relacionamentos de novo... É um mar impenetrável... Vou ficar sozinha para sempre...”

Buscando o equilíbrio entre a importância da amizade e a impossibilidade de chegar a Leicestershire a tempo, resolvi simplesmente dar conselhos emergenciais sobre como manter o equilíbrio: ele havia deixado o livro lá de propósito; não, você não vai ficar sozinha; não vai, não etc.

“Ah, obrigada, Bridget”, disse Jude algum tempo depois, parecendo um pouco mais calma. “Posso dar um pulo na sua casa esta noite?”

“Hum, bem, Mark vai estar lá.”

Silêncio.

“Tudo bem”, ela disse friamente. “Tudo bem. Divirta-se.”

Ai, meu Deus, me sinto culpada em relação à Jude e à Sharon agora que tenho namorado, quase como uma guerrilheira desleal que virou a casaca. Combinei de encontrar as duas amanhã à noite então, para conversar mais uma vez sobre tudo isso. Agora é melhor telefonar logo para Magda e dizer que ela pode ficar tranquila, porque meu emprego não é nada sofisticado.

“Obrigada, Bridget”, disse Magda, depois de conversarmos um pouco. “É que ando me sentindo muito deprimida e solitária desde que o bebê nasceu. Jeremy vai trabalhar amanhã à noite de novo. Você não quer dar um pulo aqui?”

“Hum, bem, combinei de encontrar Jude e Sharon amanhã à noite no 192.”

Houve uma pausa carregada.

“E imagino que eu seja chata e casada demais para ir junto.”

“Não, claro que não. Venha com a gente, vai ser maravilhoso!” Exagerei. Sabia que Jude ia ficar zangada, pois o foco da conversa ia desviar de Richard, o Vil, mas eu ia ter que lidar com isso mais tarde. Agora estou superatrasada e tenho que partir voando para Leicestershire sem nem ter lido os recortes sobre a caça à raposa. Talvez possa ler no carro quando o semáforo fechar. Será que devo dar uma ligadinha para Mark Darcy e dizer para onde estou indo?

Hum. Não. Péssima jogada. Mas e se eu me atrasar hoje à noite? É melhor ligar.

**||h35** Humpf. A conversa foi assim:

Mark: Pois não?

Eu: É a Bridget.

Mark: (*pausa*) Certo. Hum. Está tudo bem?

Eu: Está. Foi legal ontem à noite, não foi? Hãã... você sabe, quando a gente...

Mark: Sei, sim. Excepcional. (*pausa*) Na verdade, estou neste momento com o embaixador da Indonésia, o presidente da Anistia Internacional e o subsecretário da Indústria e do Comércio.

Eu: Ah. Desculpa. É que estou indo para Leicestershire. Achei que devia te contar, caso alguma coisa aconteça.

Mark: Caso alguma coisa aconteça? Como assim?

Eu: Quer dizer, caso eu... me atrase.

Mark: Certo. Bem, por que não telefona com uma previsão de horário de chegada quando terminar?

Aaai, meu Deus. Acho que não devia ter feito isso. Está bem claro em *Ame seu homem divorciado sem perder a cabeça* que eles não gostam nem um pouco de receber telefonemas sem motivo quando estão ocupados.

**19h. Em casa** O resto do dia foi um pesadelo. Após desafiar o tráfego e o percurso bloqueado pela chuva, me vi numa Leicestershire inundada, batendo na porta de uma casa enorme, cercada por uma infinidade de estábulos, faltando apenas meia hora para a transmissão. De repente, a porta se abriu e surgiu um homem alto, de calça de veludo cotelê e blusão largo com capuz, muito sexy.

“Hum”, disse, me olhando de cima a baixo. “Melhor entrar. Seus colegas estão lá nos fundos. Onde você estava?”

“Tive que liberar uma matéria política da alta cúpula na última hora”, informei, me fazendo de importante, enquanto ele me conduzia até uma cozinha cheia de cães e selas. De repente, ele se virou para mim, lançou um olhar furioso e deu um soco na mesa.

“Este deveria ser um país livre. Se começam a nos dizer

que não podemos nem caçar num domingo, onde é que vamos parar? Porra!”

“Bem, dá para usar o mesmo argumento para manter a escravidão”, eu disse. “Ou cortar as orelhas dos gatos. Isso não me parece muito cavalheiresco, um bando de pessoas e cães correndo desembestados por pura diversão atrás de um animalzinho assustado.”

“Já viu alguma vez o que uma raposa faz com uma galinha?”, vociferou Sir Hugo, com o rosto rubro. “Se não caçarmos, o campo é invadido.”

“Então atirem nelas”, eu disse, fitando o homem com um ar assassino. “Mas de modo humano. E cacem outra coisa qualquer aos domingos, como se fossem cães de corrida. Amarrem um ursinho de pelúcia em formato de raposa num arame.”

“Atirar? Você já tentou atirar na porra de uma raposa? Elas iam ficar sozinhas, feridas e agonizando por aí. Ursinhos de pelúcia? Grrrrr!”

De repente, ele pegou o telefone e discou. “Finch... seu imbecil!”, berrou. “Quem foi que você mandou para cá? Uma porra de uma comunista? Se pensa que vai sair com o Quorn no próximo domingo...” Nesse momento, o câmara espichou a cabeça pela porta e disse, bravo: “Ah, você já chegou, é?” Ele conferiu as horas no relógio. “Não acha que deveria ter nos avisado?”

“Finch quer falar com você”, disse Sir Hugo.

Vinte minutos depois, correndo o risco de ser demitida, lá estava eu montada num cavalo, me preparando para ir ao ar trotando e entrevistar o Honorável Picão, também a cavalo.

“Certo, Bridget, vamos abrir com você em quinze... Vai, vai, vai”, gritou Richard Finch, de Londres, no meu ponto de ouvido, e então finquei os joelhos no cavalo, como me haviam instruído. Lamentavelmente, o animal não se moveu.

“Vai, vai, vai, vai!”, berrava Richard. “Achei que você tinha dito que sabia cavalgar, porra.”



“Eu disse que tinha um dom natural”, sibilei, enterrando, frenética, os joelhos no cavalo.

“Anda, Leicester, feche em Sir Hugo, até que a retardada da Bridget se ajeite. Cinco, quatro, três, dois... vai.”

Nisso, o ilustre babaca se lançou aos berros numa propaganda da caça, enquanto eu enterrava os saltos do sapato no cavalo. Então ele começou a empinar como um louco em marcha a ré e entrou no quadro a meio galope, de lado e de costas, enquanto eu me agarrava ao seu pescoço.

“Ai, caralho, encerra, encerra!”, berrava Richard.

“Bem, nosso tempo acabou. Agora voltamos aos nossos estúdios!” Foi ótimo quando o cavalo girou mais uma vez e partiu de ré para cima do câmara.

Depois que a equipe técnica foi embora, todos com sorrisinhos dissimulados no rosto, entrei mortificada na casa para pegar minhas coisas e quase colidi com o Honorável Gigante Esmurrador.

“Rá-rá!”, ladrou ele. “Achei mesmo que aquele garanhão ia ensinar a você uma lição. Quer um bloody?”

“O quê?”

“Um bloody mary.”

Controlando minha urgência instintiva de engolir de um só trago a vodka, me empertiguei ao máximo da minha altura. “Está dizendo que sabotou minha reportagem de propósito?”

“Será?” Ele me lançou um sorriso afetado.

“Isso é muito desonesto”, eu disse. “É indigno de um membro da aristocracia.”

“Rá-rá! Personalidade. Gosto disso numa mulher”, disse ele, com a voz cavernosa, se jogando para cima de mim.

“Sai!”, eu disse, me esquivando. E falei sério mesmo. O que ele estava pensando? Sou uma profissional, não tinha dado nenhuma liberdade a ele. Em qualquer sentido. E isso serve para provar como os homens gostam quando a gente não está interessada neles. Preciso me lembrar disso no futuro.

Acabei de entrar em casa, depois de me arrastar pelo mercado e subir cambaleando a escada com oito sacolas. Estou muito cansada. Droga. Por que sou sempre eu que vou ao mercado? É como ser ao mesmo tempo profissional e esposa. É como viver no século XVII... Oba. A luz da secretária eletrônica está piscando.

“Bridget.” Richard Finch. “Quero você no meu escritório amanhã, às nove horas. Antes da reunião. Nove horas da manhã, não da noite. Manhã. Luz do dia. Acho que fui bem claro. Não deixe de ir, porra, sem falta.”

Ele parecia puto da vida. Tomara que eu não esteja presas a descobrir que é impossível conciliar um apartamento legal, um emprego razoável e um bom namorado. De qualquer modo, vou dar a Richard Finch uma lição de integridade jornalística. Isso. Melhor começar a arrumar tudo. Estou tão cansada.

**20h30** Consegui recuperar minha energia tomando vinho branco, arrumei a bagunça, acendi a lareira e as velas, tomei banho, lavei o cabelo, me maquiei e vesti um jeans preto muito sexy e uma blusa com tiras da largura de fios de espaguete. Não era exatamente confortável: a calça e as tiras de espaguete me apertavam, mas eu estava bonita, que é o que importa. Como disse Jerry Hall, a mulher tem de ser uma chef na cozinha e uma puta na sala. Ou em qualquer outro cômodo.

**20h35** Eba! Vai ser uma noite maravilhosa, aconchegante e sensual, regada a uma deliciosa massa — leve e nutritiva —, ao calor da lareira. Sou um incrível híbrido de namorada e profissional.

**20h40** Mas cadê ele, droga?

**20h45** Maldito Mark Darcy. Estou ficando muito... A campanha! Viva!

Ele estava deslumbrante de terno, com os primeiros botões da camisa abertos. Assim que entrou, largou a pasta, me abraçou e me girou numa dança meio sensual. “É tão bom ver você”, Mark Darcy murmurou no meu ouvido. “Gostei muito da sua reportagem, que amazona fantástica.”

“Não...”, eu disse, me desvencilhando. “Foi ridículo.”

“Foi incrível”, disse ele. “Durante séculos as pessoas têm andado a cavalo para a frente, e aí, nessa reportagem inovadora, uma mulher muda a cara — ou o traseiro — da arte da equitação britânica. Pioneira, um triunfo.” Mark se sentou no sofá, parecendo cansado. “Estou um caco. Malditos indonésios. A ideia deles de direitos humanos é dizer a uma pessoa pela frente que está presa, ao mesmo tempo que atiram nela pelas costas.”

Servi uma taça de chardonnay para ele, como uma anfitriã no estilo James Bond, dizendo, com um sorriso reconfortante: “O jantar já vai sair”.

“Ai, meu Deus”, disse ele, parecendo apavorado, como se eu tivesse escondido uma milícia do Extremo Oriente no micro-ondas. “Você cozinhou?”

“Sim”, eu disse, indignada. Ora, achei que ele gostaria da ideia! Ah, e ainda não tinha dito nada sobre minha roupa de puta.

“Vem cá”, disse Mark, batendo de leve no sofá. “Só estou te provocando. Sempre quis namorar Martha Stewart.”

Ficar agarradinho era muito bom, mas a massa já estava no fogo a seis minutos, com grandes chances de virar papa.

“Vou só terminar o macarrão”, eu disse, me soltando. Nesse momento, o telefone tocou e eu fiz um movimento súbito para atender, por puro hábito, como se pudesse ser ele.

“Oi. É a Sharon. Como vão as coisas com Mark?”

“Ele está aqui”, sussurrei, mantendo os dentes e a boca fechados para Mark não poder ler meus lábios.

“Como?”

“Ele está aqui”, repeti, entredentes.

“Está tudo bem”, disse Mark, balançando a cabeça para me tranquilizar. “Eu sei que estou aqui. Acho que não é o tipo da coisa que devíamos manter em segredo um do outro.”

“Certo. Escute isso”, disse Sharon, animada. “Não estamos dizendo que todos os homens sacaneiam a gente. Mas todos os homens pensam nisso. Eles têm esses desejos instintivos de comer o tempo todo. Nós, mulheres, tentamos conter nossos ímpetos sexuais...”

“Para falar a verdade, Shaz, só estou fazendo macarrão.”

“Aaaah, só está fazendo macarrão, é? Espero que não se torne uma Namorada Convencida. Escute só isso, você vai gostar.”

“Aguenta aí”, eu disse, lançando um olhar nervoso a Mark. Tirei o macarrão do fogo e voltei para o telefone.

“Tudo bem”, disse Shaz, agitada. “Às vezes os instintos prevalecem sobre os pensamentos mais elevados. Um homem encara, se aproxima ou vai para a cama com uma mulher de seios pequenos se estiver envolvido com uma mulher de seios grandes. Talvez você não ache que a variedade é o tempero da vida, mas, acredite em nós, seu namorado acha.”

Mark começara a tamborilar os dedos no braço do sofá.

“Shaz...”

“Calma... calma. É daquele livro chamado *O que os homens querem*. Isso... ‘Se você tem uma irmã ou amiga bonita, pode ter certeza de que seu namorado está IMAGINANDO COMO É FAZER SEXO COM ELA.’”

Houve uma longa pausa. Mark Darcy já tinha começado a fazer mímica, cortando a própria garganta e fingindo ânsia de vômito.

“Não é revoltante? Eles não são simplesmente uns...”

“Shaz, posso te ligar depois?”

E então Sharon começou a me acusar de ser obcecada por homens, em vez de ser feminista. Se ela estava tão pou-

co interessada neles, perguntei, por que estava lendo um livro chamado *O que os homens querem?* Aquilo tudo começou a se transformar numa discussão horrorosa, aí percebi o quanto a situação era ridícula e disse a Sharon que a gente conversava melhor no dia seguinte.

“Então!”, eu disse, efusiva, sentando ao lado de Mark no sofá. Lamentavelmente, tive que me levantar mais uma vez, porque estava em cima de um pote vazio de iogurte.

“Siiim?”, disse ele, tirando com a mão o iogurte da minha bunda. Com certeza não tinha tanto iogurte assim, nem havia necessidade de uma esfregação tão intensa, mas era gostoso. Huuum.

“Vamos jantar?”, perguntei, tentando não perder o foco.

Eu mal acabara de pôr o macarrão numa travessa e cobrir com molho quando o telefone tocou de novo. Decidi não atender mais até terminarmos de jantar, mas a secretária eletrônica entrou e logo veio a voz chorosa de Jude: “Bridget, você tá aí? Atende, atende. Anda, Bridget, por favoor”.

Peguei o telefone, enquanto Mark dava um tapa violento na própria testa. Na verdade, Jude e Sharon tinham sido as minhas melhores amigas durante anos, antes mesmo de eu conhecer Mark, então não seria certo deixar as ligações delas caírem na caixa postal.

“Oi, Jude.”

Ela tinha chegado da academia, onde tinha acabado de ler um artigo chamado “Solteiras com mais de trinta são recauchutadas”.

“O cara dizia que aquelas moças que não saíam com ele quando tinham vinte e poucos anos agora se mostravam disponíveis, só que ele não as queria mais”, explicou ela, desanimada. “Segundo o autor, todas viviam obceçadas por um relacionamento estável e filhos, e ele estabeleceu para si próprio a regra de não sair com ninguém com mais de vinte e cinco.”

“Ah, fala sério!” Ri, alegre, tentando combater um ataque de insegurança no meu estômago. “Isso é só uma provocação. Ninguém acha que você foi recauchutada. Pense em todos aqueles banqueiros e empresários que têm ligado para você. Novidades sobre Stacey e Johnny?”

“Hum”, disse Jude, embora já parecesse mais alegre. “Saí com Johnny e os amigos dele do Credit Suisse ontem à noite. Alguém contou uma historinha sobre um cara que bebeu demais num restaurante indiano e desmaiou em cima de um prato, e Johnny é tão literal que continuou: ‘Minha nossa! Que coisa terrível. Conheço um sujeito que comeu tanta comida indiana que acabou com uma úlcera no estômago.’”

Ela ria. A crise tinha passado. Jude não tem nenhum problema sério, mas fica meio paranoica às vezes. Conversamos mais um pouco e, assim que as ideias dela voltaram para o lugar, me juntei a Mark e descobri que o macarrão não tinha saído como o planejado: estava nadando em água esbranquiçada.

“Gostei”, disse Mark, solidário. “Gosto de espaguete e gosto de leite. Huumm.”

“Não acha melhor pedir uma pizza?”, perguntei, me sentindo uma fracassada recauchutada.

Pedimos pizza e comemos diante da lareira. Mark me falou dos indonésios. Ouvi com atenção, depois dei minha opinião e alguns conselhos, que ele achou interessantes e muito “originais”. Então mencionei a horripilante reunião com Richard Finch na manhã seguinte, que certamente terminaria com a minha demissão. Ele me deu um ótimo conselho: disse para eu descobrir antes o que eu esperava do encontro e deixar Richard ocupado com outros assuntos, assim ele não teria tanto tempo para ficar me esculhambando. Quando eu disse que aquilo era meio como a mentalidade vencedora de *Os sete hábitos das pessoas altamente eficazes*, o telefone tocou mais uma vez.

“Não atenda”, disse Mark.

“Bridget. Jude. Atenda. Acho que fiz uma besteira. Acabei de telefonar para Stacey, e ele não me telefonou de volta.”

Atendi. “Vai ver ele não está em casa.”

“Ela não está em seu juízo perfeito, nem você”, disse Mark.

“Psiu”, sibilei, enquanto Jude fazia um resumo detalhado da situação. “Escuta, tenho certeza de que ele vai telefonar amanhã. Mas se não telefonar, é só você recuar para um dos estágios do namoro de *Homens são de Marte, mulheres são de Vênus*. Ele está se afastando como o elástico marciano, e você precisa fazer com que ele sinta sua atração e volte.”

Quando desliguei, Mark estava assistindo a um jogo de futebol.

“Elásticos marcianos e mentalidade vencedora”, disse, me lançando um sorrisinho. “Estou me sentindo num quartel-general na guerra da bobagem.”

“Você não conversa com seus amigos sobre esse tipo de coisa?”

“Nããão”, respondeu, passando de uma partida de futebol para outra. Arregalei os olhos, fascinada.

“Você quer transar com a Sharon?”

“Como?”

“Você quer transar com a Sharon e com a Jude?”

“Adoraria! Você quer dizer individualmente? Ou com as duas ao mesmo tempo?”

Tentando ignorar seu tom de deboche, insisti. “Depois do Natal, quando você e Sharon se conheceram, teve vontade de transar com ela?”

“Bom, na verdade, acho que estava transando com você.”

“Mas algum dia isso passou pela sua cabeça?”

“Claro que passou.”

“O quê?”, explodi.

“Ela é muito bonita. Seria estranho se eu não tivesse pensado nisso.” Ele sorriu.

“E Jude?”, perguntei, indignada. “Já passou pela sua cabeça transar com ela?”

“Bem, às vezes, rapidamente, acho que sim. É parte da natureza humana, não é?”

“Natureza humana? Nunca me imaginei dormindo com Giles ou Nigel, do seu escritório.”

“É”, murmurou ele. “Tenho certeza de que ninguém se imaginou. Trágico. A não ser, talvez, a Jane da expedição.”

Assim que acabamos de tirar os pratos e começamos a nos beijar deitados no tapete, o telefone tocou mais uma vez.

“Não atenda”, disse Mark. “Por favor, pelo amor de Deus e todos os seus querubins, serafins, santos, arcanjos, recepcionistas e jardineiros de nuvens, não atenda.”

A secretária já estava em ação. Mark bateu a cabeça no chão quando a voz de um homem surgiu, estrondosa.

“Ah, oi. Aqui é Giles Benwick, amigo do Mark. Ele por acaso não está aí, está? É que...” De repente, a voz mudou. “Minha mulher acabou de me dizer que quer o divórcio e...”

“Meu Deus”, disse Mark, e pegou o telefone. Uma expressão de puro pânico varreu seu rosto. “Giles. Minha nossa. Fique calmo... hum... hum... Giles, acho melhor você falar com a Bridget.”

Hum. Eu não conhecia bem Giles, mas acho que meus conselhos foram muito bons. Consegui acalmá-lo e indiquei dois livros úteis. Depois, eu e Mark transamos deliciosamente, e eu me senti muito segura e reconfortada deitada em seu peito, o que fazia todas as teorias parecerem irrelevantes. “Eu sou recauchutada?”, perguntei, sonolenta, quando ele se curvou para apagar a vela.

“Mal-educada? Não, querida”, disse, dando tapinhas tranquilizadores na minha bunda. “Talvez esteja um pouco alterada, mas não é mal-educada.”